

A influência dos deslocamentos nacionais e da migração transnacional na formação da identidade de atletas olímpicos brasileiros

Resumo

O processo de profissionalização do esporte ocorrido a partir da década de 1980 alterou radicalmente a organização do esporte mundial. Na passagem para o profissionalismo o atleta se tornou o representante de marcas e interesses comerciais em um mundo globalizado. Transformado em um trabalhador em busca de mercado de trabalho ele vive desde a adolescência um processo migratório em busca das melhores oportunidades para desenvolver suas habilidades. Nesse processo vive intensamente fases de adaptação e perdas, além da aquisição de novos valores que reorganizam sua subjetividade. O objetivo dessa pesquisa é discutir como se dá a construção da identidade do atleta que migra, ainda na adolescência tanto para outros estados brasileiros, como também para o exterior.

Objetivo

O objetivo desse trabalho é discutir como se dá a construção da identidade do atleta que migra, tanto para outros estados brasileiros, como também para o exterior.

O processo de profissionalização do esporte ocorrido a partir da década de 1980 alterou, radicalmente a posição de sujeito do atleta dentro do movimento olímpico. Desde o princípio da história olímpica contemporânea o atleta era o realizador das proezas esportivas sem, contudo, ocupar com o mesmo destaque e importância os cargos políticos que interferiram nos rumos do Olimpismo de forma geral. Ao longo do Século XX até os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, sucessivos dirigentes olímpicos tentaram negar a relação entre política e esporte, muito embora desde 1920 as questões políticas internacionais interferissem nas competições olímpicas, ora na forma de boicote individual (como a retirada do convite à Alemanha em função da I Guerra Mundial), ora na utilização dos Jogos como publicidade a um regime político (como aconteceu em Berlim, em 1936), ou ainda como manifestação em bloco conforme ocorrido durante a Guerra Fria com os boicotes aos Jogos Olímpicos de Moscou e de Los Angeles. Interesses políticos latentes passaram a se somar às necessidades econômicas manifestas, tanto na manutenção do sistema esportivo geral como na realização dos Jogos Olímpicos em particular, tornando as fronteiras entre o público e privado, entre os interesses nacionais e internacionais fluídas e frágeis.

Mediando esse processo está o atleta, protagonista do espetáculo esportivo, coadjuvante da macroestrutura do sistema olímpico, exilado das estruturas de poder, historicamente constituídas por nobres, aristocratas e burocratas de todo o mundo. Desde a criação do Comitê Olímpico Internacional em 1894 até o presente, o Movimento Olímpico ditou as normas e direções para o esporte internacional, criando, por meio das Federações Internacionais, as regras para a prática competitiva de modalidades esportivas em todo o mundo, regras essas aplicadas àqueles que desejassem demonstrar suas habilidades físicas na execução dos gestos técnicos

específicos exigidos por cada uma das modalidades olímpicas. Esse sistema centralizador e autocrático determinou os rumos não apenas institucionais do esporte, mas principalmente interferiu na vida dos protagonistas dos Jogos Olímpicos. Quem pode, como pode e onde pode competir sempre foram decisões tomadas por dirigentes esportivos que pouco ou nada representaram o interesse dos atletas nas esferas de poder.

Se durante a fase do amadorismo (desde o início das competições olímpicas em 1896 até o final da década de 1980) o papel do atleta ficava restrito a executar com perfeição suas habilidades, essa função sofreu transformações radicais quando da passagem para o profissionalismo, momento em que além de um performer o atleta é também o representante de marcas e interesses comerciais em um mundo globalizado. Transformado em um trabalhador em busca de mercado para vender sua mão-de-obra qualificada o atleta vive desde a adolescência um processo migratório em busca das melhores oportunidades para desenvolver suas habilidades. Nesse processo vive intensamente perdas de ordem familiar, social, cultural e emocional e também a aquisição de novos valores que reorganizam sua subjetividade.

Migração, deslocamento, diáspora, busca de identidade e eterno retorno são temas recorrentes no discurso de atletas que partiram de suas cidades natais ainda muito jovens em busca de oportunidade para desenvolver uma habilidade identificada como fora da média (Carter, 2011). Se a busca da perfeição é um dos agentes mobilizadores para essa ação, o enfretamento do desconhecido e das dificuldades, assim como a derrota são também elementos presentes na vida desses Olímpicos, conforme os designou Morin (1997). O final da carreira competitiva marca não apenas a reorganização da identidade construída no papel social de atleta, mas também a reconstrução de uma nova identidade assimilada nos processos de mudança geográfica e contato com outros valores culturais ao longo dos anos, processo esse discutido por Hall (2003), naquilo que se refere especificamente aos processos migratórios e rupturas.

Justificativa

Nelson Mandela escreveu no período pós-apartheid que o "esporte é provavelmente o meio mais eficaz de comunicação no mundo moderno, ignorando tanto a comunicação verbal como a escrita, alcançando diretamente bilhões de pessoas em todo o mundo. Não há dúvidas de que o esporte é uma via legítima e viável para a construção de relações de amizade entre nações". O poder da eficácia a que se referia Mandela advém do entendimento do esporte como uma linguagem universal, compartilhada por pessoas de diferentes nações na execução de gestos modulados por regras respeitadas em todo o mundo. O esporte é capaz dessa mobilização tanto pela objetividade da execução perfeita de gestos técnicos ensaiados à exaustão por pessoas habilidosas como pela subjetividade do significado dessa perfeição, tanto para quem executa, quanto para quem assiste.

Ideal de ego e objeto de identificação de novas gerações o atleta contemporâneo transita em um mundo dominado pela comunicação gerada por grandes conglomerados de mídia e

também pelas redes sociais. Suas realizações profissionais são multiplicadas gerando em torno de si uma imagem heroica comum a poucos seres humanos (Rubio, 2001). Essa porção pública da vida do atleta mistura-se e dilui-se com a esfera privada de onde emergem as emoções pouco ou nada expostas como o medo, a solidão e a depressão, sentimentos associados ao isolamento social e o distanciamento das referências familiares e dos amigos (Carter, 2007). Contribui para esse cenário a dimensão temporal da vida esportiva que não obedece ao calendário de outros profissionais, uma vez que as temporadas competitivas duram alguns meses, a depender do estado ou do país de atuação.

Enquanto o processo migratório relacionado com o exercício da profissão de jogador de futebol é amplamente estudado não apenas no Brasil, mas em grande parte do planeta por especialistas de diversas áreas de conhecimento (Lanfranchi, 1994; Magee & Sugden, 2002; Giulianotti, & Robertson, 2007; Frick, 2009; Elliott, 2014), o mesmo não ocorreu com o esporte olímpico, cuja regra relacionada ao amadorismo persistiu até a década de 1980 e em menos de 3 décadas aponta para um esgotamento já observado por dirigentes olímpicos internacionais, levando à criação da Agenda 20+20 (Agergaard e Ryba, 2014; Rubio, 2006; 2016; Maguire, 2011).

Vale destacar que o processo de profissionalização do esporte ocorreu de forma desigual ao redor do planeta. Países com tradição em gestão esportiva rapidamente se adaptaram às regras olímpicas que permitiram aos atletas a realização de contratos profissionais com clubes e empresas. Esses países não apenas facilitaram o acesso à profissionalização de seus atletas como também tornaram-se importantes mercados de trabalho para atletas estrangeiros onde esse processo tardou a se realizar ou simplesmente não aconteceu.

Processo semelhante pode ser observado dentro do Brasil onde as diferenças regionais levaram atletas de estados carentes de políticas para o desenvolvimento esportivo, a locais específicos para a prática esportiva especializada em busca de condições de treino, principalmente nas regiões sul e sudeste. O deslocamento provocado pela premência das condições materiais para o desenvolvimento da carreira esportiva desencadeia um processo de adaptação, socialização e aculturação dentro de diferentes padrões, nem sempre de fácil assimilação. A comida, o clima, os códigos linguísticos característicos levam o atleta migrante e se sentir um estrangeiro dentro do próprio país, dificultando assim a adaptação e, por vezes, comprometendo o desempenho de sua função atlética. Quando esse deslocamento é vivido para fora do país há ainda o agravante da falta de domínio da língua e de outros códigos culturais, que envolvem também a discriminação e o preconceito seja pela pigmentação da pele ou pelo fato de ser "o outro", o "de fora", o "estrangeiro".

A relevância desse estudo se dá pelo fato de serem cada vez mais comuns os deslocamentos geográficos de atletas em função da dinâmica da organização das equipes esportivas e do processo de profissionalização. Diante da falta de estudos sobre esse fenômeno e seus desdobramentos reforça-se uma imagem de vida glamorosa e hedonista, distante da realidade

vivida por pessoas que sofrem com a falta de privacidade e de apoio emocional, além de leis que os protejam do preconceito e da discriminação sofridos pela condição de estrangeiros.

Metodologia

A metodologia utilizada nessa pesquisa são as narrativas biográficas de atletas brasileiros participantes de Jogos Olímpicos desde 1948 até 2016. Ao longo dos últimos 17 anos já foram ouvidas mais de 1.300 narrativas de atletas brasileiros e naturalizados brasileiros que participaram dos Jogos Olímpicos representando o Brasil (Rubio 2004; 2006; 2013; 2014; 2015). Dentre os atletas já entrevistados serão buscados aqueles que viveram a experiência da migração, seja dentro do próprio país ou no exterior.

As narrativas biográficas são uma modalidade de história de vida e um instrumento para captar e organizar a memória (Bosi, 2003; Cruikshank, 2002; Rubio, 2014), que interessa ao pesquisador por apreender valores que transcendem o caráter individual do que é transmitido e que se insere na cultura do grupo social ao qual o sujeito que narra pertence (Rubio, no prelo).

A narrativa, segundo Benjamim (2012), durante longo tempo floresceu em um meio artesão e ela própria é, em certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. “Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (p. 221).

Em certo sentido a memória é o lugar da imortalidade, uma vez que por meio das lembranças feitos são revividos, recriados, resignificados, conferindo ao narrador e ao ato narrado a perpetuação de um gesto, de um ato, de uma consagração. No princípio as histórias de vida foram tomadas como estórias, porque eram consideradas pessoais demais, particulares ao extremo, próprias de um único sujeito, mas a memória coletiva de Halbwachs (2006) aponta que toda memória individual é também coletiva e histórica, com h, situada no tempo e no espaço social. As histórias de vida, ancoradas na história das mentalidades, é uma ciência dos seres humanos no transcurso do tempo, e busca a relação entre o ser humano, a sociedade e o tempo na construção da História. Essa modalidade de produção de conhecimento surgiu de maneira auto referenciada por ocasião do Grupo dos Annales, na França, com Marc Bloch (2001). E nessa direção Le Goff (2003) dirá que é uma história não de fenômenos ‘objetivos’, mas de representações desses fenômenos, afinal mentalidade é um conceito impreciso, mas seu principal atrativo é justamente a sua imprecisão. A história das mentalidades seria então o lugar de encontro de exigências opostas e alimenta-se naturalmente dos documentos do imaginário.

Poirier, Valladon e Raybaut (1999:38) entendem que nesse método o investigador tentará encontrar o *ele*, o campo exterior da personalidade, a envolvente do narrador num momento dado, ou seja, *aquela a quem atribuiu um valor pessoal (dando-lhe assim uma existência em si e fora de si)*. Dessa forma a história de vida é considerada não como um produto acabado, tal como é

geralmente apresentada, mas como uma matéria prima sobre a qual, e a partir da qual, se tem de trabalhar.

Além disso, a narrativa aqui é tomada como linguagem a partir da dimensão adotada pelos Estudos Culturais (Hall, 2000; 2001; Woodward, 2000), tida como uma posição privilegiada na construção e circulação do significado, conforme Guareschi, Medeiros e Bruschi (2003) e Silva (2000). A linguagem vai além do relato ou da transmissão com neutralidade dos significados e passou a constituir-los. Dessa forma, os considerados *atos naturais*, também denominada realidade, são tidos como fenômenos discursivos, cujos significados surgem a partir dos jogos de linguagem e dos sistemas de classificação nos quais estão inseridos. E assim, o discurso não é entendido no seu aspecto linguístico ou como um conjunto de palavras, mas como um conjunto de práticas que produzem efeitos no sujeito.

Nessa perspectiva tudo o que se pensa ou se diz da realidade é um reflexo e uma projeção da experiência vivida como real, independente da afirmação dessa realidade exterior ao sujeito e dos sentidos que são dados a ela. Isso representa a existência de uma materialidade conectada com o que se pensa e se diz, ligada ao discurso. Embora a realidade seja intangível, é sabido que ela existe e que está conectada com a representação que se tem dela (Veiga-Neto, 2000).

O presente projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

Impactos científicos e sociais

Os Jogos Olímpicos da Era Moderna atravessaram o século XX e sobreviveram a duas Grandes Guerras, dois boicotes declarados e alguns disfarçados (Grix, 2012; Kellett and Chalip, 2008; Riordan, 2006). Porém, uma nova ordem comercial se estabeleceu com a entrada da televisão no mundo olímpico. A visibilidade conquistada por atletas a partir de então estimulou empresas e produtos a terem suas marcas associadas àqueles seres sobre-humanos capazes de realizações incomuns. Diante do risco que a celebração de contratos podia representar para a carreira dos atletas, o caminho era burlar as normas por meio de atitudes inusitadas como fez o nadador Mark Spitz nos Jogos de Munique-1972 que subiu ao pódio com um par de tênis pendurado no pescoço. Foi a maneira encontrada para dar visibilidade a seu patrocinador, um fabricante de material esportivo, que pouco espaço tinha em um uniforme de uma única peça, conferindo pouca visibilidade à marca que já o patrocinava, muito embora legalmente isso fosse proibido (Papanikolaou, 2012; Preuss, 2004).

Depois dessa experiência era certa a necessidade de buscar novas estratégias para o futuro dos Jogos Olímpicos. A entrada de grandes empresas no financiamento dos Jogos parecia inevitável diante das necessidades impostas à cidade-sede. Los Angeles-1984 serviu como um laboratório para essa experiência. Naquela ocasião o governo norte-americano não fez qualquer investimento na realização das obras. Por sua vez por meio de um plano de marketing esportivo foi promovida a captação de recursos suficientes para cobrir todas as despesas e ainda render lucro

a seus organizadores (Rubio, 2006). Por outro lado, era inegável o movimento de profissionalização de atletas que dedicavam suas vidas a treinar e competir, inviabilizando qualquer outra ocupação capaz de gerar renda para si e sua família. O esporte olímpico estava diante de uma encruzilhada e era necessário haver um movimento que abalaria as estruturas quase seculares do esporte olímpico.

De acordo com Ferrando (1996) definia-se como atleta amador aquele que não tinha treinadores nem treinamento em sua atuação esportiva. A ênfase dada a prática esportiva não remunerada da burguesia europeia de finais do século XIX e início do século XX foi mantida pela maioria dos dirigentes do movimento olímpico contemporâneo, quase todos eles membros de grupos sociais privilegiados social, econômica e politicamente. Entretanto, o esporte de alto rendimento se converteu em algo tão qualificado do ponto de vista técnico que seus praticantes mais destacados e dedicados ficaram mais próximos, por sua extração social, da classe trabalhadora, que se pretendia manter alijada do esporte, que a burguesia dirigente. Por isso o autor denomina os atletas de alto rendimento de 'trabalhadores do esporte', por ter como contrapartida à sua prática profissional, contratos publicitários generosos, exigência de segurança profissional, médica e social, e um distanciamento do chamado ideal olímpico. Os atletas com este perfil apesar de apresentarem uma variada extração social, são quase sempre originários de classes sociais média-baixas, e apontam o esporte como um impedimento ao exercício de outra ocupação, o que os faz buscar a profissionalização.

O processo de profissionalização do esporte ocorreu concomitantemente ao processo de globalização e a reconfiguração dos Estados Nacionais, condição fortemente atrelada à carreira de atletas que dependem de um sistema esportivo organizado em nível nacional, para poder disputar os torneios e competições internacionais. Daí a importância e a relevância dos estudos relacionados com a construção e desenvolvimento de identidades nacionais (Carter, 2007), condição fortemente abalada em função da globalização. De acordo com Carter (2011) o processo de migração esportiva internacional situa os processos migratórios como uma prática que ultrapassa as fronteiras de um ou mais Estados Nacionais. A utilização deste termo não surge com o intuito de posicionar o seu interlocutor em qualquer estrutura teórica ou posição política, e, portanto, parece ser relativamente neutro no seu uso. O mesmo não se pode dizer para o termo "global" ou "transnacional". Para o autor "a migração esportiva global" coloca as práticas e processos de identidade dentro de uma estrutura teórica relacionada com a globalização, apontando para posições políticas e teóricas específicas sobre o mundo e a forma como ele se organiza. Tem-se assim uma tendência a produzir uma perspectiva verticalizada no trabalho acadêmico que desmente as experiências de migração. Em contraste, a "migração transnacional" enfatiza uma perspectiva de baixo para cima em relação a essas práticas e processos migratórios. É um processo social em que as pessoas forjam e mantêm relações sociais multifacetadas em que fronteiras geográficas, políticas e culturais se apresentam como transversais. No transnacionalismo as pessoas vivem suas vidas através das fronteiras políticas. Os migrantes

transnacionais encontram-se confrontados com categorias hegemônicas profundamente enraizadas, como raça e etnia, que podem aparecer idênticos, mas que concretamente são posições muito diferentes quando em lugares distintos. Consequentemente, suas identidades e práticas misturam-se a processos sociopolíticos dinâmicos de duas ou mais localidades específicas. O uso do conceito transnacional, portanto, atenta para as projeções culturais e políticas de poder por várias formas de governança, cada um deles afirmando jurisdição sobre uma população em um espaço particular. Transnacionalismo, portanto, no entendimento de Smith (2001) afasta-se de unidades de análise e limitadas no sentido de uma conceptualização teoricamente mais problemática do espaço e do lugar.

Nesse sentido, compreender as dimensões sociais do esporte brasileiro, em específico as condições a que estão submetidos os atletas após uma década de megaeventos no país, possibilitará o entendimento não apenas do que e como ocorreram essas manifestações, mas promover conhecimento para o planejamento de ações futuras.

Áreas do conhecimento

Esse projeto dialoga com a psicologia social, os estudos culturais, bem como com os estudos olímpicos, a sociologia e a história do esporte. Transdisciplinar por excelência encontra no IEA o lugar ideal para a busca das interlocuções necessários para o seu desenvolvimento.

Plano de trabalho a ser executado pelo pesquisador

Diante das mais de 1.300 entrevistas já realizadas com atletas olímpicos brasileiros, busca-se agora uma imersão na literatura específica sobre o tema, abundante na América do Norte e na Europa. O trabalho que pretendo desenvolver visa contextualizar as narrativas dentro do contexto desse fenômeno social tendo como referência o Brasil.

Cronograma

De fevereiro a maio de 2017 - leitura e organização do material já coletado

Maio - palestras e exposições

Junho a novembro - estruturação do material para publicação

Elaboração de trabalhos científicos

Espera-se ao final do ano de 2017 publicar 2 artigos e 1 livro sobre o tema abordado, sendo eles: um sobre o processo de migração interna e outro sobre a experiência no exterior. O livro tratará de forma abrangente o processo como um todo, iniciando na partida da cidade natal até o encerramento da carreira e a fixação em um local específico, podendo ser ou não o regresso ao local de origem.

Referência bibliográfica

- Agergaard, S.; Ryba, T. V. (2014) Migration and Career Transitions in Professional Sports: Transnational Athletic Careers in a Psychological and Sociological Perspective, *Sociology of Sport Journal*, 2014, 31, 228-247.
- Benjamin, W. (2012) *Obras escolhidas. Vol. I*. São Paulo: Brasiliense.
- Bloch, M. (2001) *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bosi, E. (1994) *Memória e Sociedade*. São Paulo: Cia das Letras.
- Bosi, E. (2003) *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê editorial.
- Bruce, T., & Wheaton, B. (2011). Diaspora and global sports migration: A case study in the English and New Zealand contexts. In J. Maguire and M. Faloutsos (Eds.). *Sport and migration: Borders, boundaries and crossings*. pp. 189-99. London & New York: Routledge.
- Carter, T. F. (2011). Re-placing sport migrants: Moving beyond the institutional structures informing international sport migration. *International review for the sociology of sport*, 48(1) 66–82.
- Carter, T. F. (2007) Family networks, state interventions and the experience of Cuban transnational sport migration, *International review for the sociology of sport*, 42(4) 371–389.
- Cruikshank, J. (2002) Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In.: M. M. Ferreira e J. Amado (orgs) *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Elliott, R. (2014). Brits abroad: a case study analysis of three British footballers migrating to the Hungarian Soproni Liga. *Soccer & Society*, 15(4), 517-534.
- Engh, M. H. & Agergaard, S. (2015) Producing mobility through locality and visibility: Developing a transnational perspective on sports labour migration. *International Review for the Sociology of Sport*, Vol. 50(8) 974–992
- Ferrando, M. G. (1996) Los deportistas olímpicos españoles: un perfil sociológico. Madrid: Consejo Superior de Deportes.
- Frick, B. (2009) Globalization and Factor Mobility: The Impact of the “Bosman-Ruling” on Player Migration in Professional Soccer *Journal of Sports Economics* Volume 10 Number 1 February 88-106
- Giglio, S. S. (2013) COI x FIFA A história política do futebol nos Jogos Olímpicos. Tese de Doutorado. Escola de Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo.
- Giulianotti, R., & Robertson, R. (2007). Forms of Glocalization Globalization and the Migration Strategies of Scottish Football Fans in North America. *Sociology*, 41(1), 133-152.
- Grix, J. (2012) 'The Politics of Sports Mega-events', *Political Insight*, 3, 1, 4-7, April.
- Guareschi, N. M. F.; Medeiros, P. F.; Bruschi, M. E. (2003) Psicologia Social e Estudos Culturais: rompendo fronteiras na produção do conhecimento. In.: N. M. F. Guareschi e M. E. Bruschi (orgs) *Psicologia Social nos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes.
- Halbwach, M. (2006) *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.

- Hall, S. (2003) Estudos culturais: dois paradigmas. In.: S. Hall *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- Hall, S. (2001) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hall, S. (2000) Quem precisa de identidade? In.: *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes.
- Kellett, P., Hede, A-M., Chalip, L. (2008) Social policy for sport events: Leveraging (relationships with) teams from other nations for community benefit, *European Sport Management Quarterly*, 8, 101-121.
- Lanfranchi, P. (1994). The migration of footballers: The case of France, 1932-1982. *The Global Sport Arena: Athletic Talent Migration in an Independent World*. Edited by J. Bale and J. Maguire, 63-77.
- Le Goff, J. (2003) *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Magee, J., & Sugden, J. (2002). "The World at their Feet" Professional Football and International Labor Migration. *Journal of sport & social issues*, 26(4), 421-437.
- Maguire, J. (2011). *Sport and migration*. London: Blackwell Publishing Ltd.
- Morin, E. (1997) *Cultura de massas no século XX*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Papanikolau, P. (2012) The Spirit of the Olympics vs. Commercial Success: A Critical Examination of the Strategic Position of the Olympic Movement, *International Journal of Humanities and Social Science*, 2, 23, December.
- Poirier, J.; Valladon, S. C.; Raybaut, P. (1999) *Histórias de vida*. Teoria e prática. Oeiras: Celta.
- Preuss, H. (2004) *Economics of Staging the Olympics: A Comparison of the Games 1972-2008*. Northampton: Edward Elgar Publishing.
- Riordan, J. (2006) Amateurism, Sport and the Left: Amateurism for All Versus Amateur Elitism, *Sport in History*. 26, 3, 468-483.
- Rubio, K. (2001) *O atleta e o mito do herói*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rubio, K. (2006) *Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, história e imaginário*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rubio, K. (2014) Memórias e narrativas biográficas de atletas olímpicos brasileiros. In.: K. Rubio (org) *Preservação da memória: a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos*. São Paulo: Képos.
- Rubio, K. (2015) *Atletas Olímpicos Brasileiros*. São Paulo: SesiSP Editora.
- Rubio, K. (no prelo) *Memória, esquecimento e meta-história: entre Mnemosine e Letho*. In.: (K. Rubio, org.) *Narrativas biográficas: da busca à construção de um método*. São Paulo: Laços.
- Silva, T. T. (2000) A produção social da identidade e a diferença. In.: T. SILVA (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes.
- Smith MP (2001) *Transnational Urbanism: Locating Globalization*. Oxford: Blackwell.

Veiga-Neto, A. (2000) As idades do corpo: (material)idades, (divers)idades, (corporal)idades, (ident)idades.... In.: J. C. Azevedo (org.) *Educação e utopia na educação cidadã*. Porto Alegre: Ed. UFRGS.

Woodward, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.